



SEDE

Casa da Cultura Francisco Rodrigues Marques Júnior

41.104353, -8.552194

Largo do Palheiro, 32 4430-872 Avintes Portugal

CENTRO DE FOTOGRAFIA INSTANTES

41.119439, -8.555917

Rua do Paço, 207 Avintes Portugal

Segunda, Terça, Quinta, Sexta e Sábado: 14h:00 às 18h:00

ENCERRADO: Quarta e Domingo

CONTACTOS

Pereira Lopes +351 926437791

MB Way 924967700

geral@instantesffa.com

www.instantesffa.com

NIPC 516332821

A capa deste número do FOCO é uma cortesia da fotógrafa Cristina Vicente

foco

newsletter #88 junho '26

iNstantes

Ainda a 13ª edição do festival

Livro do Mês

“Hanbok” de Manseok Ha

“Cicatrizes” de Sara Ruiz

por Joaquim Margarido

iNstantes - Associação Cultural

iN` 26 (1) – “Cicatrices” de Sara Ruiz

por Joaquim Margarido



© Sara Ruiz

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA: “Cicatrices”

de Sara Ruiz (Colômbia)

iNstantes – Festival Internacional de Fotografia de Avintes

Centro de Reabilitação do Norte

Num tempo em que a violência contra as mulheres continua a revelar números alarmantes e discursos frequentemente anestesiados pela repetição mediática, “Cicatrices” devolve profundidade humana ao tema. Captada pela fotógrafa colombiana Sara Ruiz, num muro entre dois olhares, a inscrição “#NiUnaMenos” funciona como um manifesto silencioso e, simultaneamente, como uma ferida aberta. A imagem - uma das mais incisivas da exposição patente no Centro de Reabilitação do Norte - remete para o movimento feminista nascido na Argentina em 2015, em resposta à escalada dos feminicídios e da violência de género na América Latina. A partir dela, a artista transforma o grito político numa superfície de memória

PROGRAMAÇÃO DE EXPOSIÇÕES

JUNHO 2026

MAGIA DOS SABORES (PORTO)

02 de junho a 31 de julho

PROPOSTA FOTOGRÁFICA #149 | 12.26

Jim Bostick com “Arcanum”

CASA DA CULTURA DE LOUROSA

06 a 30 de junho

13ª EDIÇÃO DO iN

Margarita Mejia (Colômbia) com “Humilde como um reino”

CENTRO DE FOTOGRAFIA iN

06 a 30 de junho

PROPOSTA FOTOGRÁFICA #150 | 13.26

Hélder Vinagre com “Parisienses”

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E CULTURA LOCAL (CASTELO DE PAIVA)

06 de junho a 04 de julho

PROPOSTA FOTOGRÁFICA #151 | 14.26

Pereira Lopes com “... 20 anos depois”

JULHO 2026

CENTRO DE FOTOGRAFIA iN

04 a 30 de junho

PROPOSTA FOTOGRÁFICA #152 | 15.26

Raúl Silva Pereira com “Silêncio sagrado”

PROPOSTA FOTOGRÁFICA #153 | 16.26

Carlos Seco com “Vindima”





Manseok Ha reside em em Seul (Coreia do Sul), explora as relações humanas através do retrato e da identidade cultural.

Esteve envolvido em várias exposições no seu país, França e Macau. O seu mais recente livro de fotografias, *Hanbok*, foi publicado em 2025 pela BurnBooks (EUA).

Foi um dos participantes da última edição do iNstantes – Festival Internacional de Fotografia de Avintes

Nesta obra, Manseok Ha focou aspectos culturais do vestuário tradicional da Coreia do Sul, num “exercício de ironia”.

“Hanbok”, é o nome de uma vestimenta diária que expressava visualmente género, estado civil, classe e hierarquia social sul-coreana, explora a queda em desuso do vestuário ancestral e o irónico uso por turistas. O hanbok é, hoje em dia, usado apenas

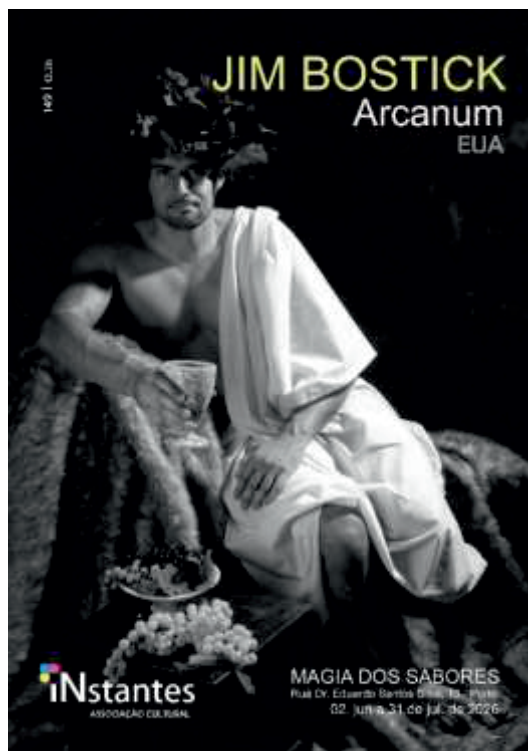
ocasionalmente em eventos cerimoniais, como casamentos ou comemorações de primeiro aniversário.

No entanto, diariamente no Palácio Gyeongbokgung, outrora um símbolo da autoridade real, visitantes de todo o mundo “caminham pelos jardins do palácio vestidos com hanbok. Outrora um emblema de identidade colectiva e ordem social, o hanbok agora é usado por indivíduos de diversas nacionalidades, etnias e géneros”

colectiva, onde a violência deixa de ser mero acontecimento estatístico para adquirir densidade afectiva, corporal e íntima, evocativa de uma geografia universal da agressão, essa presença subterrânea que, como se pode ler no texto de apresentação, “atravessa os nossos corpos, os nossos membros e as nossas mentes”.

Condensando uma década de trabalho, as imagens reunidas em “Cicatrices” recusam o espectáculo da dor fácil. Nelas, a violência surge fragmentada em vestígios, atmosferas e pequenos sinais de ameaça ou vulnerabilidade. Há muros, quartos, corpos frágeis, sombras e silêncios que revelam uma tensão contínua entre o trauma e a sobrevivência. O olhar documental da fotógrafa não abdica da dimensão poética, mas também não se refugia nela: cada fotografia parece perguntar de que modo os sistemas patriarcais moldam os afectos, os medos e até a própria ideia de intimidade. Esse carácter simultaneamente pessoal, social e político, atravessa toda a construção da exposição. Nascida em Bogotá e radicada há dezoito anos em Buenos Aires, Sara Ruiz transporta para este trabalho o cruzamento entre a prática fotográfica e a formação em sociologia, fazendo da imagem um instrumento de investigação emocional e de crítica social. A fotógrafa lembra que a violência destrói corpos, corrói linguagens, condiciona afectos, aniquila pertencças. Talvez por isso as imagens procurem incessantemente pequenos fragmentos de reconciliação humana, sem nunca ceder à estetização complacente do sofrimento.

Integrada na 13.^a edição do iNstantes - Festival Internacional de Fotografia de Avintes, a exposição ganha uma relevância particular pelo lugar onde é apresentada. O Festival, que ao longo dos anos se afirmou como um dos mais consistentes espaços de divulgação da fotografia contemporânea em Portugal, tem privilegiado propostas autorais capazes de articular criação artística, pensamento crítico e intervenção social. Nesse contexto, a presença de “Cicatrices” no Centro de Reabilitação do Norte reveste-se de uma enorme carga simbólica. Não se trata apenas de expor fotografia num espaço institucional de saúde e recuperação física; trata-se de colocar imagens de trauma, resistência e memória num lugar onde diariamente se confrontam diferentes formas de vulnerabilidade humana. As fotografias de Sara Ruiz dialogam, assim, com a própria ideia de reabilitação, não apenas do corpo, mas também da dignidade e da possibilidade de reconstrução emocional. E fazem-no sem paternalismo nem retórica panfletária, através de imagens densas, inquietas e profundamente conscientes de que toda a cicatriz é, ao mesmo tempo, marca de violência e prova de sobrevivência.



produções teatrais.

O seu trabalho apresenta moradores locais como “actores”, juntamente com adereços e figurinos que cria ou reúne conforme necessário para criar as suas cenas. A sua carreira inicial como fotógrafo de moda proporcionou-lhe uma experiência única em iluminação de estúdio e trabalho com modelos.

ARCANUM

Bostick limita-se ao que é possível no seu estúdio. Cada imagem da série torna-se um retrato que conta a história humana dentro de cada carta.

No fantástico mundo do Tarô, comumente visto como ilustrações ou pinturas, tudo é possível. Mas, no estúdio, Bostick é limitado pelos limites da moldura e pelas restrições impostas às pessoas reais como actores.

Cada obra torna-se uma pequena produção teatral. As composições são reduzidas ao essencial e aos artefactos necessários para contar as histórias.

Jim Bostick descobriu o seu amor pela fotografia na adolescência, levando-o a obter o bacharelado em Belas-Artes pela Tyler School of Art e o mestrado em Semiótica e História da Arte pela Penn State University. Já expôs em galerias e museus na América do Norte e na Europa, incluindo o Peabody Essex Museum, o Philadelphia Museum of Art e o State Museum of Pennsylvania. É conhecido pelo seu estilo figurativo de narrativa em fotografia de Belas-Artes. Trabalha no seu estúdio Gallows Hill, em Salem, Massachusetts, um local rico em património histórico e cultural que inspira muitos dos seus temas, extraídos da história da arte, religião e ocultismo. A sua iluminação de estúdio, característica e abordagem centrada no ser humano, resultam em composições ricas que lembram

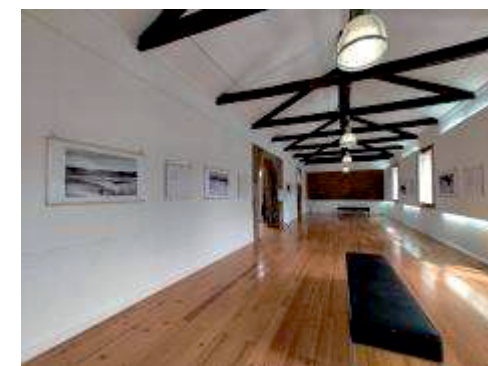


Inaugurada a 6 de junho, a exposição “Humilde como um reino”, da colombiana Margarita Mejia, teve como palco a Casa da Cultura de Lourosa.

Os constrangimentos de uma colombiana a viver nos Estados Unidos inibiram a presença da fotógrafa, conforme era sua vontade.

Tivemos a presença dos vereadores da Cultura e da Juventude da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, respectivamente, Paulo Marcelo e Beatriz Silva e do presidente da Junta de Freguesia de Lourosa, Miguel Silva.

A exposição pode ser visitada até 30 de junho.





Hélder Vinagre nasceu em Portugal (Aveiro) em 1959. Reside em França (Paris). Doutor em Medicina. Fotógrafo humanista desde 1978. Fundador do colectivo «Regards Parisiens». Exposições fotográficas em França, Portugal, Espanha, Brasil. Participação no festival internacional de fotografia de Avintes em 2019. Livros auto-publicados na Blurb, Almalusa, GODPublishing, PixartPrinting. Participação no Projecto 33 de Antonio Correia

AS PARISIENSES

A mulher parisiense fascina. Ela não precisa fazer muito para atrair olhares: a sua elegância transparece nos detalhes, na maneira instintiva de escolher uma peça sóbria, mas

perfeitamente ajustada, um acessório único que define seu estilo. Ela é reconhecida por sua silhueta fluida, seu porte seguro, aquele chique natural que não se aprende, mas se vive.

O seu segredo? A arte da simplicidade. Um par de jeans perfeitamente cortado combinado com uma camisa branca, um trench coat sobre os ombros, um par de sapatilhas ou sapatos de salto alto: ela transforma o comum em ícone da moda. Sempre moderna, mas nunca prisioneira das tendências, ela sabe combinar o que lhe fica bem, mais do que o que a estação dita.

A beleza da parisiense também está na sua atitude: uma confiança discreta, um sorriso na esplanada de um café, um olhar vivo que diz muito. Ela encarna a elegância francesa, uma mistura subtil de requinte e despreocupação, que sempre inspirou criadores de todo o mundo.



António Manuel **Pereira Lopes** nasceu no Porto, a 1 de outubro de 1955.

Já realizou mais de 70 exposições em Portugal, Espanha, França, Finlândia, Brasil e Chipre.

Organizou o PicNic Arte. Organizou o adVerso - Festival de Poesia de Avintes.

Fundador e director do iNstantes - Festival Internacional de Fotografia de Avintes.

É fundador e presidente da Direcção da iNstantes - Associação Cultural

PEJÃO, 20 ANOS DEPOIS

Olhar nos olhos o Bloca, o Chasco, o Político, a Deolinda do Aido, a Emília da Gusta, o Casoto, o Manel 29 ou o Pissalho, é ler em cada um deles o desencontro de sentimentos temperados pela dureza da vida e do trabalho, com jornadas de oito horas e meia por

dia, todos os dias, todos os meses e todos os anos no inferno a mais de 400 metros de profundidade, os pulmões carregados de sílica, a morte sempre à espreita. É “ver caras e ver corações”, a incompreensão e a revolta apaziguadas, mas latentes, a resignação de quem sabe que Lisboa fica tão longe. É mergulhar numa realidade que se vai repetindo de forma cíclica e nos remete para o pesadelo recente da austeridade em nome do défice, as ondas de choque a fazerem-se sentir ainda hoje, tão pouco desvanecidas por uma “geringonça” que não passa disso mesmo. Daqui a 20 anos, alguém se lembrará de fotografar os sobreviventes da troika e verá nos mesmos rostos, na mesma raiva e na mesma aceitação, o Pejão de sempre. Até lá temos Pereira Lopes e o seu olhar sensível e profundamente humano. Para ver, até 4 de julho!”

Texto de Joaquim Margarido





A inauguração da exposição “Não sabíamos”, do fotógrafo costarrriquenho Esteban Chinchilla aconteceu a 25 de maio, na Escola de Medicina da Universidade do Minho. A cerimónia, teve a presença do presidente da Escola, Jorge Manuel Nunes Correia Pinto e de vários sócios da iNstantes. A curadoria foi da Adriana Henriques.

PEREIRA LOPES ENALTECEU A RELEVÂNCIA DA 13ª EDIÇÃO DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA DE AVINTES

“O iNstantes é um encontro de culturas. É uma viagem pelo mundo”

A 13ª edição do iNstantes – Festival Internacional de Fotografia de Avintes foi inaugurada a 8 de maio e prolonga-se até ao próximo dia 31, reunindo 48 fotógrafos de 12 países e mais de 500 obras distribuídas por 24 exposições em vários espaços culturais de Avintes, Valadares, Lourosa, Vila do Conde e Braga. Apesar do balanço positivo, o presidente da Direção do iNstantes – Associação Cultural Pereira Lopes, lamenta a reduzida adesão da comunidade local a um festival que considera “aberto ao mundo” e uma importante mostra cultural e económica para o território.

FOTOGRAFIA
SILVIA DORRÁS

A freguesia de Avintes voltou a afirmar-se como um dos principais palcos da fotografia contemporânea em Portugal, com a realização da 13ª edição do iNstantes – Festival Internacional de Fotografia de Avintes, iniciativa que reúne artistas oriundos da Argentina, Bangladesh, Brasil, Canadá, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos da América, Finlândia, França e Portugal. Ao longo do mês de maio, o festival apresenta mais de 500 trabalhos fotográficos distribuídos por 24 exposições instaladas em diferentes espaços culturais, não apenas de Avintes, como é o caso do Centro de Reabilitação do Norte, a Casa da Cultura de Lourosa, o Teatro Municipal de Vila do Conde e a Universidade do Minho, numa dimensão que, segundo Pereira Lopes, demonstra que o projeto “há muito que extravasa as fronteiras de Avintes e de Vila Nova de Gaia”.

“O iNstantes é um encontro de culturas. É uma viagem pelo mundo”, afirmou o responsável pela associação organizadora, acrescentando que “a partir do momento em que se encontram aqui imagens obtidas em sítios tão distantes como Cuba, Bangladesh ou Coreia do Sul, é uma viagem pelo mundo e um encontro de culturas, porque as pessoas vêm cá, convivem, fazem amizades e novas parcerias”. O dirigente associativo destacou ainda a crescente internacionalização do festival, revelando que o iNstantes estabeleceu recentemente uma parceria com o festival cubano FotoCancun, realizado em Miami,

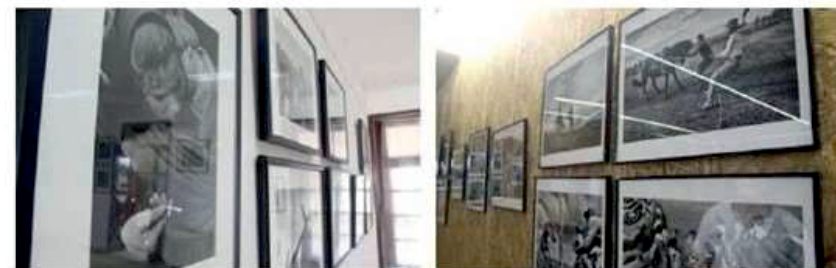


raz, garantindo que “nos estamos abertos a fazer essa partilha”. Ao longo de 13 edições, o festival já contou com a participação de mais de 760 fotógrafos oriundos de 80 países, consolidando-se como um espaço de intercâmbio artístico e cultural. “Praticamente todos

os continentes já estiveram aqui representados através dos seus fotógrafos”, sublinhou Pereira Lopes. Entre as principais novidades desta edição encontra-se a grande exposição dedicada ao fotógrafo português Eduardo Gageiro, considerada pelo presidente da Di-

reção do iNstantes como “o núcleo central do festival”. Presente na Casa da Cultura de Avintes, a mostra reúne 62 imagens distribuídas por duas salas, com curadoria do fotógrafo Václav Vojtěch, tendo contado com a colaboração da Câmara Municipal de Torres Vedras.

“Não temos aqui uma exposição importante que merece ser visitada. É a maior exposição do Eduardo Gageiro



reio de Lisboa”, destacou Pereira Lopes, recordando que o fotógrafo faleceu no ano passado, aos 95 anos. “São imagens que retratam os últimos 70 anos da nossa história”, frisou. Outras duas iniciativas em destaque é a exposição coletiva desenvolvida em parceria com a Federação Finlandesa de Clubes de Fotografia, que reúne dez

fotógrafos portugueses e dez fotógrafos finlandeses. Segundo Pereira Lopes, esta mostra integra a programação oficial de Oslo – Capital Europeia da Cultura 2024, seguindo posteriormente para a Finlândia. “É para as pessoas perceberem que estamos a levar a cultura portuguesa ao mundo”, referiu, assegurando que “é uma honra ter esta exposição integrada numa Capital Europeia da Cultura”. O festival inclui ainda exposições dedicadas a temáticas sociais e culturais, como a preservação das culturas indígenas no Brasil, a ocupação de territórios e outras questões que podem gerar na comunidade a cultura, a identidade e os direitos humanos. Apesar do reconhecimento nacional e internacional alcançado pelo evento, Pereira Lopes mostrou-se preocupado com aquilo que considera ser uma insuficiente valorização do festival no próprio território onde nasceu. “As pessoas continuam com os olhos apertados para esta realidade e isso preocupa-nos”, lamentou, salientando que “se as

entidades oficiais estiverem mais envolvidas, isto podia ter outra dinâmica para os locais”. O responsável destacou igualmente o impacto económico indireto que iniciativas culturais desta dimensão podem gerar na comunidade, criando e beneficiando locais, defendendo que “a cultura não é uma despesa. A cultura gera receita económica e gera outras coisas que é mais difícil de mensurar: a vitalidade das localidades”. Como exemplo, Pereira Lopes recordou a experiência do festival internacional de fotografia de Arles, em França, que atrai atualmente milhares de visitantes e gera uma receita de milhões de euros. “Não estou a dizer que aqui em Avintes se infra-estruturas, porque as realidades são bem distintas, mas é para as pessoas perceberem o potencial que a cultura pode ter”, explicou. O presidente da associação lembrou também a reduzida adesão da população local ao festival, apesar da forte participação de visitantes vindos de diferentes pontos do país. “Somos capazes de receber visitas de pessoas de Lisboa, mas os avintenses que estão aqui são muito poucos”, afirmou. “Avintes não é só uma terra de teatro. Também há este evento que extravasa a freguesia”, evidenciou. O iNstantes conta ainda com a colaboração do Instituto de Artes e Imagem para manter vivo o projeto. “Avintes não é só uma terra de teatro. Também há este evento que extravasa a freguesia”, evidenciou. O iNstantes conta ainda com a colaboração do Instituto de Artes e Imagem para manter vivo o projeto. “Avintes não é só uma terra de teatro. Também há este evento que extravasa a freguesia”, evidenciou. O iNstantes conta ainda com a colaboração do Instituto de Artes e Imagem para manter vivo o projeto.